

## As cidades e as vozes: histórias de migração em espaços urbanos do Sul do Brasil na metade do século XX

*The city and the voices: histories about migration in Southern Brazil urban spaces in the half XXth century*

**Danielle Heberle Viegas**

Universidade LaSalle – UNILASALLE – Canoas – Rio Grande do Sul – Brasil



**Resumo:** O presente texto busca prestigiar algumas das formas de ocupação urbana da Região Metropolitana de Porto Alegre/RMPA, a partir de um estudo concentrado nos deslocamentos populacionais vinculados à cidade de Canoas na segunda metade do século XX. Considerou-se como fontes de pesquisa depoimentos orais de moradores da cidade cujas trajetórias enfatizam as motivações para migrar, as redes sociais e étnicas formadas nesses processos migratórios bem como a diversidade dos locais de origem dos migrantes. Desvela-se, nesse sentido, desde trajetórias associadas ao êxodo rural do Estado do Rio Grande do Sul até deslocamentos transnacionais relacionados ao Pós-Guerra. Os casos são considerados em cruzamento com dados sobre as dinâmicas da urbanização da RMPA à luz da perspectiva da história social das migrações e da história social urbana.

**Palavras-chave:** Região Metropolitana de Porto Alegre. Migrações. História urbana.

**Abstract:** This paper aims to consider some of the forms of urban occupation of the Porto Alegre Metropolitan Region, based on a study focused on the population displacements in the city of Canoas in the second half of the 20th century. We considered as sources some oral testimonies from city's residents whose trajectories emphasize the motivations to migrate, the social and ethnic networks formed in these migratory processes as well as the diversity of the origins of these migrants. It reveals, therefore, trajectories associated to the rural exodus from the State of Rio Grande do Sul and the transnational displacements related to the postwar period. The cases are considered crossing data about the dynamics of metropolitan region urbanization viewed from the perspective of social history of migrations and social urban history.

**Keywords:** Porto Alegre Metropolitan Region. Migrations. Urban history.

## 1 Introdução

Um dos binômios consagrados pelas áreas de estudo dedicadas ao fenômeno urbano é aquele que relaciona migrações e metropolização. De fato, dados indicam que, na metade do século XX, a população urbana brasileira cresceu 60% e 1/3 deste incremento populacional se instalou nas então incipientes áreas metropolitanas (SANTOS, 2013, p.33). Segundo Milton Santos e María Laura Silveira:

A partir de 1950 verifica-se uma aceleração do movimento migratório no país, fenômeno que se impõe nos decênios seguintes em um nível consideravelmente mais elevado(...). Desse modo, a população brasileira tem uma movimentação cada vez maior, misturando, sobre todo o território, pessoas das mais diversas origens estaduais. (SANTOS; SILVEIRA, 2006. p. 212)

Em termos de Rio Grande do Sul, os índices relacionados a Região Metropolitana de Porto Alegre/RMPA assinalaram a tendência de redistribuição populacional no Estado à época, que passou a estar concentrada na Capital e seu entorno. Tal fato confirma a busca por trabalho em Municípios mais industrializados em prol daqueles de base agropastoril (SOARES, 2007, p. 301). Entretanto, pode-se ir além: sabe-se que a mobilidade populacional gaúcha e brasileira, nos anos de 1950, não esteve apenas relacionada às migrações internas. Trataram-se, antes, de (i)migrações diversas, que incluíram trabalhadores saídos da zona rural, mas também estrangeiros, notadamente europeus, em fuga do cenário (des)construído pela Segunda Guerra Mundial. O elo em comum foi a conquista de uma nova terra que os acolhesse com paz, prosperidade e trabalho<sup>1</sup>.

Caso exemplar quando se trata de abordar a formação social da RMPA é a cidade de Canoas, que atingiu notáveis marcas em seu crescimento populacional entre as décadas de 1950 e 1960. A

consulta de alguns censos demográficos permite que a porcentagem acima referida seja traduzida em números específicos: segundo dados da Fundação de Economia e Estatística/FEE, sabe-se que, em 1940, Canoas possuía 17.630 habitantes; em 1950, a estimativa era de 39.826 moradores; em 1960, já se contabilizava que mais de 100.000 pessoas residissem na cidade (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1984).

Vislumbra-se que o principal fator do incremento populacional de Canoas à época foi a deflagração de um intenso processo migratório, seguindo indícios já verificados em décadas anteriores de que o Município era um polo concentrador de moradia e, em menor escala, de trabalho. Essa expressiva mobilidade populacional inscreveu modificações na paisagem urbana da cidade a partir de práticas diversas instituídas pela presença de migrantes, tendo em conta que a urbanização se relaciona a “um conjunto mais extenso de mudanças na sociedade desencadeado por processos de modernização econômica, social e cultural” (SOARES, op. cit., p. 291).

Tão logo, cabe relacionar as vozes dos protagonistas da história que deseja-se narrar, qual sejam, migrantes. Neste sentido, fez-se necessária a diferenciação entre *dar voz* a alguém e *ouvir a voz* de alguém. *Dar voz* aos sujeitos, aqui, é recurso vinculado à ideia que os testemunhos orais se prestam somente a agirem como apêndices, corroborando concepções pré-estabelecidas por fontes escritas ou bibliográficas (PENNA, 2005, p. 18). Já *ouvir a voz* de alguém se relaciona à abordagem que encontra na oralidade aquilo que somente esta pode responder à pesquisa, o que a torna exclusiva e fonte primordial de estudo, mesmo tendo-se em conta a natureza fragmentária desse tipo de produção (CONSTANTINO, 2004).

No presente texto, tenta-se aproximar da segunda opção referida: a de *ouvir as vozes* da cidade de Canoas através de alguns testemunhos de migrantes e imigrantes que compunham a população no período. Tal prática metodológica faz sentido, ademais, diante da ocorrência de dois incêndios

<sup>1</sup> Neste sentido, é interessante estabelecer um comparativo entre o panorama de migrações internacionais para o Estado na década de 1950, com o do século XIX, pois, no momento mais recente, as imigrações foram dirigidas para centros urbanos, diferentemente do período oitocentista, em que os imigrantes se estabeleciam ainda em áreas rurais.

sucessivos, nos anos de 1952 e 1953, nas respectivas sedes da Prefeitura de Canoas<sup>2</sup>, tendo como consequência imediata a destruição de grande parte da documentação do Município agrupada até então. Cabe ressaltar o caráter esparso e lacunoso constatado junto às fontes restantes da época, o que foi identificado por Rejane Penna:

um olhar sobre a cidade informa que ela se constituiu em um dos maiores aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul. Sua velocidade de transformação é vertiginosa; se desenvolve sobre si mesmo dia após dia. Nesse processo de substituição desaparecem muitos testemunhos físicos de sua História. (PENNA, 1998, p. 67)

Tais motivos impeliram à pesquisa ao uso de depoimentos orais que contém contribuição naturalmente enriquecedora ao estudo sobre (i)migrações. Contribuição essa que pode ser resumida nas seguintes interrogações (SOUZA, 2001, p. 14): quais são os motivos de atração e de saída dos (i)migrantes de seus respectivos lugares de chegada e de origem? E mais: quais são os subsídios que os testemunhos desses (i)migrantes podem agregar, exclusivamente, para o estudo da formação territorial e populacional da RMPA? No rastro de questões postas a partir dos campos de estudo da história urbana em diálogo com a história das cidades (MONTEIRO, 2012), busca-se agregar algumas reflexões.

## 2 Migrantes e migrações em Canoas na metade do século XX

A investigação das trajetórias da vida de (i)migrantes, já chamadas de *histórias (co)movedoras* (THOMSON, 2002), permite descortinar – para além de números – as trajetórias associadas ao crescimento populacional das cidades da RMPA na segunda metade do século XX. Pertinente é questionar como algumas dessas trajetórias

estiveram articuladas a determinados processos históricos basilares para o desenvolvimento urbano da cidade. A história de Oronzo Fullone, que deixou a Itália após a guerra e, desde então, realizou diversas migrações até fixar-se em Canoas porque dizia-se que o clima era melhor e havia um grande número de falantes da língua italiana, é categórico para uma reflexão sobre a pauta redes de sociabilidade. De acordo com a sua própria voz do morador:

Sou italiano. Praticamente saí da Itália em 1954. Foi uma leva de imigrantes que fazia parte da Convenção de Genebra. Naquela época, o falecido Getúlio Vargas, numa série de acordos, precisava industrializar o Brasil, ele pegou por meio do acordo de Genebra, recrutou uma quantidade de profissionais da Itália, da Alemanha. No meio dessas levadas houve, antes de nós chegarmos no Brasil com uma profissão definida, a gente passou por uma seleção teórico-prática no Instituto Feltrinelli de Milão.(...) Abriu a emigração para a África, abriu emigração para Argentina e para o Brasil. Para o sul da África, fiz todos os testes que devia, porém quando chegou o passaporte viram que eu não falava inglês, aí não deu. Na Argentina também queriam especialização. Não teve problema. No Brasil fui chamado praticamente antes da Argentina. Cheguei em São Paulo, em Santos.<sup>3</sup>

Prontamente, o narrador identificou a sua origem: é italiana. Seu ponto de partida é Martina Franca, comuna pertencente à Apúlia, região meridional da Itália – embora esclareça que a sua família é natural da Bréscia, região da Lombardia, ao norte daquele País. As perguntas que se tornam necessárias diante do esclarecimento do local de partida e de chegada do narrador são as que questionam: como e por que Oronzo Fullone deixou o continente europeu para aportar no Brasil, na metade da década de 1950? A quais processos históricos a trajetória desse imigrante está relacionada? A continuidade da exposição do depoimento do italiano é, dentro desse âmbito, fundamental. Em seu testemunho ele denuncia que:

Nada daquilo que prometiam existia. (...) Quando cheguei na França, quando saí da França, não passei no Instituto de Imigração,

<sup>2</sup> Após a Prefeitura ter a sua sede na Rua Santos Ferreira, junto à casa dos Ludwig, outros dois prédios abrigaram a Sede Municipal, a saber, o segundo andar da chamada “Casa Vargas”, junto à Praça da Bandeira; posteriormente, a casa de Antônio Cândido da Silveira, na Rua João Pessoa.

<sup>3</sup> FULONNE, Oronzo. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Bairro Niterói, 1994. Acervo Museu e Arquivo Histórico La Salle/MAHLS.

fui direto para a empresa. Aqui no Brasil não, a gente ficou atirado, a gente tinha que se virar para achar o serviço. Tinha dificuldade no sentido de que não conhecia a língua. Corria-se para lá e para cá para achar o serviço. Tinha bastante serviço. (...) Aí tinha outro imigrante que trabalhava junto que estava trabalhando em outro lugar disse — Olha, vamos para Porto Alegre que lá muita gente fala italiano, o clima é melhor, porque a gente chegou no mês de fevereiro. Calor, a gente não estava acostumado.<sup>4</sup>

Oronzo prossegue, detalhando sua chegada ao Sul do Brasil:

Vimos em Porto Alegre, viemos de trem. Naquela época se demorava 3 ou 4 dias. Chegamos aqui na Igreja Navegantes e vi lá um estaleiro, uma barcaça, eu pensei: amanhã estou aí. Passei trabalho para achar um lugar para pousar. Achei uma pensão na Venâncio Aires e de lá me desloquei para a Navegantes, até o estaleiro. Fui lá e pedi emprego. O dono chamou um senhor que era italiano da colônia e conversamos. (...) Fui trabalhando lá.<sup>5</sup>

Mas, e quanto a Canoas? Como o italiano da Lombardia conheceu e adotou a cidade? Ele justifica que:

(...) era solteiro, mas tinha irmão, irmã e mãe. Em Porto Alegre, era bem relacionado na firma onde trabalhava (...) tinha uma barcaça que transportava telhas (...) e lá havia um senhor que era da colônia e disseram: este tem uma casa em Niterói. Me explicou onde era a casa. Era na Rua Nelson Paim Terra. Fui lá ver; era uma das poucas casas que existia. Aluguei em 1954.<sup>6</sup>

Ainda que a narrativa de Oronzo constituísse o único registro oral a reportar-se ao contexto do período, o seu testemunho poderia ser, igualmente, considerado ímpar. Através disso, confirmam-se suposições, como a mobilidade internacional gerada como consequência do Pós-Guerra, o contexto de industrialização pelo qual o Brasil passava na época; a busca e a opção por Canoas como uma alternativa economicamente mais viável do que Porto Alegre. Entretanto, as lembranças de Oronzo apontam, sobretudo, para elementos pouco explorados acerca

do fator imigração no Brasil— são, pois, o que os torna tão enriquecedores para esta pesquisa.

O primeiro desses elementos é o que revela que o então Presidente da República, Getúlio Vargas, tão conhecido por valorizar a mão-de-obra brasileira, investiu no recrutamento de estrangeiros — fato que, por seu turno, indica certa cooperação do Estado para a ocorrência dessas imigrações, usualmente reconhecidas como espontâneas. Como certamente também o são, de acordo com um segundo indício revelado por Oronzo, que exhibe que o ato de imigrar está ligado ao aprimoramento de uma condição de vida já razoável. O imigrante desvela essa faceta de sua trajetória quando narra a sua mobilidade dentro da própria Europa e informa que detém especialização profissional diferenciada. Tais fatores induzem à conclusão da existência de certo “comportamento migrante”, fomentado mais pela busca incessante de melhores oportunidades do que pelo suprimento de necessidades básicas. Vai ao encontro, neste sentido, do pensamento de Constantino, para quem não são os mais pobres que migram, mas “aqueles que têm sólidas relações familiares parentais, que têm o individualismo imprescindível para o estabelecimento de uma nova vida” (IN: SOUZA, 2001, p. 10).

A principal riqueza do depoimento do italiano parece estar, no entanto, naquele subsídio que o torna mais complexo. Além de comunicar indicadores pessoais e de ordem política como motivos plausíveis para a sua prática migrante, Fullone distingue a formação de redes étnicas como uma determinante para os caminhos que decidiu seguir, já no Brasil. Assim ocorreu quando um companheiro italiano lhe indicou a região setentrional como a mais agradável do País (e também aquela em que a presença italiana mais se fazia mais marcante, em sua opinião). Igualmente, foi um “senhor da colônia” que possibilitou o seu contato inicial com a cidade de Canoas, sendo o proprietário da residência que Oronzo viera a alugar, em Niterói.

O italiano, porém, não foi o único estrangeiro a eleger Canoas como o seu novo lar. Também as suas razões, apesar de tão diversificadas, não podem ser

<sup>4</sup> FULONNE, 1994, op. cit.

<sup>5</sup> FULONNE, loc. cit

<sup>6</sup> FULONNE, loc. cit.

compreendidas como as únicas deflagradoras do processo de imigração relativo ao Brasil na época que, conforme já se afirmou, caracteriza-se pela multiplicidade. O descendente de ucranianos Leonid Cvirikum relata, por exemplo, que imigrou para o Brasil na condição de refugiado:

Veio a Guerra e a Revolução Comunista, que acabou com a vida normal da minha família. Quando eu tinha três anos, meu pai foi deportado para a Sibéria. Quando veio a Guerra, os alemães avançavam e acuavam o povo, obrigando a quem morava ali a sair das aldeias. (...) O pessoal saía e pensava que um dia haveria de voltar. Também não acreditavam na paz. Mas nós éramos refugiados e íamos adiante.<sup>7</sup>

Sobre a escolha do Brasil como o local de destino, ele lembra que “um dia fomos com a família defronte o representante do Governo brasileiro (...). Aí, muitos do Campo Lisenko, um campo de ucranianos, resolveram vir para o Brasil”<sup>8</sup>. E outros imigrantes “resolveram vir para o Brasil” bem como para Canoas nas décadas seguintes. Tal situação contribuiu para o surto demográfico ocorrido na região e, sobretudo, para a configuração de territórios específicos dentro da cidade vinculados a determinadas etnias. Este é o caso dos há pouco citados ucranianos, que instituíram o “Beco dos Ucranianos”, no bairro Niterói em Canoas; também, de outros, que conseguiram associar as suas etnias às regiões do Município onde residiam e/ou trabalhavam. Nesse caso, lembra-se da contribuição de Constantino (2000, p. 81) que, baseada em Georg Simmel, coloca que usualmente o estrangeiro aparece como comerciante, pois agrega a uma sociedade elementos que, antes de sua chegada, não eram produzidos.

Assim foi o caso dos palestinos que se instalaram na região central de Canoas. Aqueles que são popularmente conhecidos como “turcos” também compartilham as suas Histórias de vida e informam que chegaram a Canoas na década de 1950 por conta da perseguição sofrida em sua terra natal, a partir da promulgação do Estado de Israel, em 1948.

A escolha do Brasil é justificada por Saleh Baja, que diz: “realmente esse clima que tem aqui, a formação do povo, tem muitas semelhanças com os costumes árabes na região de Jerusalém, nas montanhas. Então isso nos adaptou muito na convivência”<sup>9</sup>. Apesar da boa adaptação, a preservação da identidade árabe e muçulmana é valorizada e o depoente afirma: “nós fazemos de tudo para ensinar aos filhos a língua árabe e outras mais fraquinhas, o espanhol, o alemão que é bom. A maioria dos muçulmanos fala alemão, também”<sup>10</sup>. A forte presença estrangeira em Canoas e a sua relação com o comércio e com os serviços locais confirmam a opinião de Soares, que declara a respeito do Rio Grande do Sul:

A década de 50 caracterizou-se por uma migração estrangeira aos principais centros urbanos do Estado, especialmente sírio-libaneses, árabes, portugueses, alemães, italianos, espanhóis entre outros que se dedicaram a atividades comerciais e de serviços, integrando-se e favorecendo a economia urbana de muitas cidades. (SOARES, op. cit., p. 307)

A questão étnica, no entanto, também já provocou momentos de hostilidade na cidade. Ocorreram perseguições, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial. O depoente Daniel Cogo, entrevistado para o *Projeto Canoas: para lembrar quem somos*, relata a tensão que envolveu as famílias estrangeiras na cidade:

Bom, o que acontecia, ia uma turma que não sei o que eram, que procuravam hostilizar as famílias. Eles escutavam o rádio da Alemanha, eles compravam jornais alemães, mas não sei por que faziam isso. Acho que era questão política. Agora sofreram. As famílias que mais sofreram eu vou assinalar, por exemplo, a família Wagner, depois eu vou dizer o que fazia, Venhofen, Wittrock, Hilgert, Maschio (agora Maschio não sei se era de origem alemã, mas era tido como alemão), ele não sofreu, mas sentia o reflexo, o Porcello, o da farmácia Regner, Longoni, Ludwig, Nichele, de origem italiana, Agiova, Blume. As famílias que eram de origem alemã ou italiana, tinham que ter cuidado. Mas isso eram mais reações, às vezes passava semana e não acontecia nada. Mas tinham

<sup>7</sup> CVIRKUM, Leonid. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Rio Branco, 1994. Acervo MAHLS.

<sup>8</sup> CVIRKUM, 1994, op. cit.

<sup>9</sup> BAJA, Saleh. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Centro, 1997. Acervo MAHLS.

<sup>10</sup> BAJA, 1997, op. cit.

que ter cuidado. Senão, se reuniam em bares para tomar alguma coisa, conversar, nada acontecia. Tinha que ter cuidado.<sup>11</sup>

A temática dos conflitos que movimentaram o mundo na segunda metade do século XX faz parte, também, da História do descendente de poloneses, Silvestre Krolikoski. Ele corrobora alguns pontos ressaltados por Leonid e Baja, ao passo que ilumina outras problemáticas ligadas ao fenômeno da (i)migração em Canoas na década de 1950. Ele inicia o seu relato, dizendo que a Canoas de hoje parece um sonho para ele, pois, em 1948, quando veio para a cidade, ela era apenas um projeto. Admirado, ele declara:

Não vi uma cidade crescer tanto como Canoas; cresce dia a dia. Comprei o terreno do lado em 1957. Nasci em Mariana Pimentel no Município de Guaíba. Meu pai era estrangeiro, veio com dois anos de idade. Era polonês, mas era governado pela Rússia. Estavam mal e inventaram de vir para o Brasil, porque diziam que aqui dava para viver melhor. Ele veio mais ou menos em 1905. Ele veio porque a Polônia era governada pela Rússia, e não dava para viver. Veio o avô, a avó, o pai. Se estabeleceram em Porto Alegre. O pai era ferreiro, começou como ferreiro na João Pessoa e foi para Mariana Pimentel. Comprou uma colônia e botou um engenho de colher milho e estribo tocado a água. Viemos para Canoas em 1948. (...) Arrumei um serviço para mim. Fiquei guarda noturno do Renner, na fábrica do Navegantes. Trabalhei lá em 1960.<sup>12</sup>

Além das imigrações, a temática dos grandes deslocamentos intermunicipais apresenta-se basilar para o estudo da formação urbana de Canoas porque expõe as diferentes temporalidades e práticas a partir das quais se formaram os bairros e os loteamentos da cidade. Se, por um lado, os bairros Niterói e Rio Branco foram majoritariamente núcleos receptores de (i)migrantes no período que separou as duas Grandes Guerras, outros locais da cidade serão, a seu modo, “preparados” para abrigar os contingentes populacionais que buscavam Canoas como uma alternativa de moradia.

<sup>11</sup> BAJA, loc. cit.

<sup>12</sup> KROLIKOSKI, Silvestre. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Niterói, 1994. Acervo MAHLS.

E assim se toma conhecimento de grandes loteamentos configurados na Canoas da década de 1950. O maior e mais conhecido deles está localizado a noroeste da cidade: trata-se da chamada *Vila Mathias Velho*<sup>13</sup>. José Ferreira, nascido em São Francisco de Paula em 1942, conta que elegeu o loteamento como local de habitação, porque:

(...) não tinha lugar mais barato. O falecido meu pai tinha parentes que moravam em Niterói, tinha na Tamoio, ele falava para eles e dizia: olha, barbada é só a Mathias! É lá! Eles vieram para cá, foram naquela rua, era mais barato do que aqui. Era na Rua Manaus. De lá até essa Rua tem umas quatro quadras. Era mais caro. Mais para o fundo era mais barato ainda. O pessoal ficava por aqui por causa da condução.<sup>14</sup>

Delci Pacheco da Silva mudou-se para a Mathias Velho em 1953 e corrobora as lembranças de José Genésio sobre a origem da Vila:

O pessoal veio comprar terreno porque ali era o único lugar que vendiam sem entrada e com prestações baratinhas. Então aquele pessoal veio muito para a Mathias. (...). Foi um processo natural. Eles foram comprando ali e a Prefeitura removia, trazia o pessoal. Eram trabalhadores, operários.<sup>15</sup>

O mercado imobiliário, no entanto, oferecia diversas opções à época, destinadas para quaisquer perfis de moradores que elessem Canoas como o seu lar. Vale também ressaltar que, paralelamente, estavam sendo instituídos novos loteamentos em Canoas que formaram uma exceção ao baixo padrão estrutural comum às primeiras vilas criadas na cidade. Isso porque se localizavam em territórios mais altos do Município (consequentemente mais propícios e salubres), característica que facilitou investimentos mais elaborados nas áreas (PENNA, 2001, p. 23). Mas, quais loteamentos eram esses? Rejane Penna esclarece que um deles era a Vila Igara, onde:

<sup>13</sup> A Vila ganhou esse nome em função do proprietário de terras mais antigo da região, Saturnino Mathias Velho; ele adquiriu, em 1882, boa parte do território norte do que viria a ser a cidade de Canoas, dando-lhe o nome de “Fazenda Mathias Velho” e instalando ali um imponente sobrado, demolido no ano de 1986.

<sup>14</sup> FERREIRA, José Genésio Martins. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Mathias Velho, 2000. Acervo MAHLS.

<sup>15</sup> SILVA, Delci Pacheco da. Entrevista ao *Projeto Canoas: para lembrar quem somos* - Mathias Velho, 2000. Acervo MAHLS.

(...) percebe-se que o perfil dos moradores se enquadra em pessoas que vieram de cidades do interior, ou de outros bairros da cidade de Canoas. Porém, ao contrário de comunidades como Mathias Velho, Guajuviras, Rio Branco ou Niterói, a maioria não é constituída de ex-agricultores expulsos devido às dificuldades do meio rural. O morador típico da Igara já tinha uma vida urbana quando se instalou no bairro, buscando qualidade de vida em um loteamento localizado em zona privilegiada da cidade, livre de alagamentos e dotado de infraestrutura mínima”. (PENNA, 2002, p. 48)

Tais informações encontram respaldo no memorial descritivo do loteamento<sup>16</sup>, apresentado à Prefeitura em 1953. No documento, estava prevista para a Vila Igara a disponibilidade de água encanada, o calçamento de ruas, a reserva de áreas verdes, além de uma rede de canalização de água pluvial dentro das normas técnicas exigidas. Não foram localizados documentos que indicassem que tais aparatos estivessem previstos para os demais loteamentos da cidade.

Em termos populacionais, o loteamento Igara é descrito pela migrante Clair Beltrame como “um bairro de gente de muitas etnias, de gente de Garibaldi, Veranópolis, Antônio Prado, Nova Prata, tutti buona genti”<sup>17</sup>. A constância de imigrantes italianos e de seus respectivos descendentes é confirmada por José Fernando Costa, que comenta: “É fantástico. Os pequenos comerciantes vêm, olham o bairro. Vêm esses italianos, parece que está no DNA deles as montanhas”<sup>18</sup>. A respeito dos impactos da presença italiana na fisionomia das cidades, Constantino conclui que:

Percebe-se a aglutinação de imigrantes italianos de uma mesma procedência em determinados espaços urbanos. A solidariedade étnica serviu para enfrentar a nova realidade social. Bairros foram ou são “italianos” (...). O significado dos espaços passa a ser analisado a partir das relações sociais que nele se desenvolveram. (CONSTANTINO, 2000, p. 80)

<sup>16</sup> Memorial descritivo do loteamento Igara, 1953. Acervo UPHAM-Canoas.

<sup>17</sup> BELTRAME, Clair. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Igara, 2002. Acervo MAHLS.

<sup>18</sup> COSTA, José Fernando Santos. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Igara, 2002. Acervo MAHLS.

Existiram, além de Igara, outros locais que ofertavam condições melhores de habitação quando comparados aos loteamentos criados em áreas com risco permanente de serem afetadas por enchentes. Sobre o assunto, têm-se pequenas vilas desmembradas de áreas como a chamada *Chácara Barreto*, que eram procuradas não só por operários, mas também por empreendedores e por profissionais liberais provenientes de localidades do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (SABALLA; GAYESKI; CORBELLINI, 2005, p. 38).

Uma dessas Vilas foi batizada de “*Vila Ideal*”. O local trata-se de um símbolo do processo diferenciado de ocupação que alguns loteamentos da cidade obtiveram naquele período. A Vila tinha previsto um esquema complexo de ruas e avenidas, dessemelhante ao traçado retilíneo aplicado à maioria dos ditos “bairros operários” do Município. A área loteada pertencia à A.J. Renner Indústria do Vestuário; sabe-se que a empresa adquiriu terras no local ainda nos anos quarenta, com o objetivo de ali se instalar. O plano não vingou, devido à desapropriação de parte da área para a ampliação da Base Aérea de Canoas. O território que sobreviveu a esse processo foi transformado pela Indústria Renner em loteamentos residenciais — entre esses, estava a “*Vila Ideal*”.

Também a “*Vila São Luiz*” destacou-se pela condição superior de seus lotes. Assim como a Igara e a Ideal, parte da São Luiz localizava-se em área alta da cidade de Canoas e teve a oportunidade de desenvolver-se livre do espectro representado pelas cheias. Dagoberto Vares, que, à época da entrevista, era funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura de Canoas, comenta essa peculiaridade do Bairro: “O destaque maior que tem São Luiz é que tem a parte alta e a parte baixa. Uma parte é área leste e a outra é área oeste. Essa é uma característica muito marcante em relação ao Bairro São Luiz”<sup>19</sup>.

Sabe-se que duas eram as empresas responsáveis pelo loteamento da São Luiz: a Imobiliária Perene e a Construtora Gheno. Na Igara,

<sup>19</sup> VARES, Dagoberto. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - São Luiz, 2001. Acervo MAHLS.

igualmente, os responsáveis pela venda dos terrenos foram investidores particulares<sup>20</sup>, como a Sociedade Territorial São Carlos. Já a “Vila São José”, outro loteamento formado na década de 1950 junto à parte alta da São Luiz, teve a sua organização realizada pela Imobiliária Guarujá. E outras instituições privadas continuaram a fazer aquilo que já foi denominado de *urbanização por expansão de periferias* (SCHMIDT, 1986).

Tal fato não deixou de estimular protestos nos jornais da época, notoriamente no semanário independente *O Momento*, cujos editoriais formaram uma verdadeira coleção de denúncias a respeito dos rumos tomados pela urbanização de Canoas devido aos loteamentos<sup>21</sup>. Em um deles, publicado em março de 1955, foi afirmado:

Somos uma cidade que cresce. Para muitos, apenas o fato de crescermos já é uma prova de progresso. Para nós, não. Acreditamos em progresso, mas através de um desenvolvimento harmonioso, de um crescimento regular. Somos uma cidade que cresce, irregularmente. O nosso núcleo central ainda não dispõe dos meios indispensáveis à vida própria (...). Apesar disso, vão surgindo pequenos núcleos circundantes, grandes prolongamentos de nossos problemas centrais. E temos vilas sem escola, sem farmácia, sem transporte, sem luz elétrica, enquanto vemos largas faixas de terras vazias aqui no núcleo central.<sup>22</sup>

Em outra matéria, de autoria de Walter Galvani, lê-se que Canoas é um “distrito abandonado” e o “povoamento excessivo dos novos loteamentos prejudica os pontos básicos da economia municipal”. Ele tece reflexões sobre a relação entre o território e a população em Canoas naquele período:

A imensa população de Niterói, da Vila Rio Branco, da Harmonia e Matias Velho, vilas que formam o “grosso” do povo de Canoas, constitui-se quase que exclusivamente, ou melhor, em sua maioria constitui-se de operários. E operários que exercem sua atividade em Porto Alegre, e na capital

investem quase todo o dinheiro que recebem. Nos domingos ainda demandam à cidade grande, em busca de divertimento, do cinema, do futebol, etc. Sem querer eles criam, ou melhor, Porto Alegre cria o maior problema do nosso Município! A grandeza da capital sulina, a sua crescente tendência para o crescimento em direção ao norte ocasionou o nascimento das pequenas vilas. Devido ao preço elevado dos imóveis e mesmo a inexistência de imóveis vagos mais perto do centro, obrigou aos pequenos operários procurarem uma saída. E a saída foi encontrada. Iludidos pelas enganosas promessas dos loteadores que lhes dariam água encanada, esgotos, calçamentos, etc., aos poucos foram se situando no Município canoense. Nasceram então Niterói, Vila Fernandes, Rio Branco, e mais recentemente Harmonia e Mathias Velho. E outras de menos importância. Qual o lucro que o Município tira daquelas vilas? – Irrisório.<sup>23</sup>

Prosseguindo, Galvani sentenciar que, “no entanto, o verdadeiro repositório de Canoas encontra-se abandonado. Entregue às moscas. É o 2º distrito”. Graças ao fragmento acima, são buscadas informações a respeito daquele território que foi agregado à cidade de Canoas quando de sua Emancipação municipal, mas que é pouco descrito pelas fontes e pelas bibliografias consultadas<sup>24</sup>.

Sabe-se que a região contava, assim como outras em Canoas à época, com uma grande presença de imigrantes e de seus descendentes. Mais uma vez, destacam-se as variadas temporalidades relativas à formação urbana da cidade. Isso porque a presença de estrangeiros naquela região, em específico, faz menção a momentos históricos anteriores àqueles que trouxeram levas de imigrantes e de migrantes para a cidade na década de 1950. O chamado segundo distrito — Santa Rita — fazia parte do Município de São Sebastião do Caí até ser incorporado por Canoas. Trata-se de uma área que ainda na segunda metade do século XIX recebeu levas de imigrantes, notadamente descendentes de germânicos.

<sup>20</sup> Pelo menos, em um primeiro momento, pois a Vila Igara teve sucessivos processos de ocupação urbana.

<sup>21</sup> Consultar, também, as seguintes matérias *Canoas e os loteamentos I* (*O Momento*, Canoas, 03.09.1955); *Canoas e os loteamentos II* (*O Momento*, Canoas, 10.09.1955), *Os loteamentos e a ganância em Canoas* (*O Momento*, Canoas, 24.09.1955).

<sup>22</sup> *O Momento*, Canoas, n. 3, 2ª semana de março de 1955.

<sup>23</sup> GALVANI, Walter. O Distrito abandonado. *O Momento*, Canoas, 20.08.1955.

<sup>24</sup> A esse respeito, é notável a ênfase dedicada ao segundo distrito pelo jornal *Canôas em Marcha*, que circulou na cidade entre os anos de 1952 e 1953. O periódico chamava a atenção para as potencialidades industriais de toda aquela zona. Consultar, especialmente, as edições de 31.12.1952 e 24.01.1953.



Entra-se em contato com os testemunhos de moradores como, por exemplo, Almiro D'Ely Resende, que narra a respeito dos meios de comunicação entre Santa Rita e o primeiro distrito de Canoas:

Não tinha outro meio de ir a Porto Alegre. Canoas era muito pequena na época. Ali onde atravessa a Tabaiá era um banhado. Chamavam ali de Granja Brigadeira. A Rua Berto Círio foi criada em quarenta e três. Ali era a barca. Era a divisa entre as duas fazendas. Isso levou muitos anos. Eu me lembro, quando trabalhava na olaria, levavam caminhões e caminhões de tijolo quebrado. Os buracos consumiam tudo, mas foi até firmar. Com o tempo botaram ônibus. (PENNA, 2000, p. 89)

Mário Szekir, também morador do chamado segundo distrito, respalda a ideia do transporte fluvial como a principal alternativa para se chegar e para se partir daquele território. Ele relata que “tinha que ir lá pelo Passo do Rio dos Sinos para ir a Canoas. Para Porto Alegre tinha a gasolina, o vapor e tinha lancha e caíco(sic) e essas coisas” (PENNA, 2000, p. 90). Outro marco para a região foi a inauguração, ainda em 1938, da Estação de Trem Vasconcelos Jardim, pertencente à linha Porto Alegre-Uruguaiana (ZAMIN; CARDOSO, 2002, p. 44), que deflagrou certa movimentação comercial no local que por ali passou a receber e a enviar produtos.

Retornando ao texto de Walter Galvani, compreende-se que havia a intenção de se valorizar os subsídios que o segundo distrito pudesse oferecer à cidade como um todo, nominando aquela área de *riqueza de Canoas*. O jornalista explica o território, a população e as atividades relacionadas ao local:

Santa Rita, Berto Círio, Morretes, Sanga Funda são os pontos principais daquele distrito. Os pequenos agricultores dominam a situação. É mesmo a principal atividade daquela zona. A cultura do arroz, por seu turno, é quase monocultura. No entanto não podemos deixar o pobre lavrador abandonado à sua própria sorte, não lhe dando o Município a mínima atenção e só querendo sugá-lo de impostos.<sup>25</sup>

O autor ainda conclui que o Rio dos Sinos partia o distrito em duas partes, ao que deve se acrescentar a semelhança disso com a linha férrea que provocou igual divisão no perímetro urbano de Canoas desde os Novecentos. Na matéria, são tão pontuais os seus comentários que se apropria aqui de sua expressão e de seu significado. Galvani declara sobre o segundo distrito: “eles precisam de nossa atenção. Voltaremos ao assunto”.

Tão logo, encaminha-se o presente texto para às considerações finais, ressalta-se as contribuições trazidas devido ao uso de depoimentos orais. Nesse sentido, subsídios foram agregados no sentido de revelar algumas vozes e identidades daqueles usualmente tratados apenas como números em estatísticas. Além disso, ficou claro que as (i)migrações relacionadas à cidade de Canoas foram múltiplas, assim como os territórios transformados em razão desses movimentos populacionais.

### 3 Considerações finais

Compreende-se a tomada de conhecimento a respeito de detalhes quanto às migrações e imigrações direcionadas a RMPA como ponto fundamental para se combater generalizações em relação à formação territorial e populacional das cidades metropolitanas do Sul do Brasil. A abordagem diversifica, de certa forma, a chamada teoria *miserabilista* (CONSTANTINO apud SOUZA, 2001, p. 10), quando do estudo acerca de mobilidades populacionais, que anula outras formas de migração, senão aquela motivada por problemas sociais. Não se tratou, neste texto, de negar as condições, por vezes muito tortuosas, a partir das quais os (i)migrantes se deslocam e se adaptam às novas realidades. Mas, em outras palavras, buscou-se prestigiar as diferentes formas de ocupação urbana da RMPA, almejando não fomentar estereótipos a respeito do migrante e do território que ele ocupou nas cidades metropolitanas.

Pode-se desconstruir, deste modo, alguns lugares comuns tanto no sentido de que a população de Canoas e da Região Metropolitana, de modo geral,

<sup>25</sup> GALVANI, Walter. O distrito abandonado. *O Momento*, Canoas, 20.08.1955.

era formada à época apenas migrantes pobres advindos do interior do Estado quanto em relação aos loteamentos da cidade que os abrigavam, usualmente destacados por sua baixa infraestrutura. Embora a imigração no período não tivesse respaldo do Estado, notabilizou-se a formação de redes de contato e de sociabilidade étnica, sobretudo entre estrangeiros; igualmente, Canoas possuía disponíveis núcleos habitacionais diferenciados daqueles conhecidos por estarem suscetíveis às enchentes.

Finaliza-se, considerando que a construção dos territórios de existência dos (i)migrantes junto à realidade urbana vivenciada fornece inúmeras possibilidades de pesquisa senão as aqui apontadas, tais como as permanências, as rupturas, as segregações e as formas de sociabilidade ligadas a esses processos.

#### 4 Referências

- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italiano na cidade: imigração itálica nas cidades brasileiras. Passo Fundo: Editora da UPF, 2000.
- \_\_\_\_\_. Teoria da História e reabilitação da oralidade: Convergência de um processo. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. A. (org.). A Aventura (Auto)Biográfica: Teoria & Empíria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 37-74.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul - censos do RS - 1960-1980. Porto Alegre, 1984.
- MEDEIROS, Laudelino. As cidades. IN: \_\_\_\_\_. Rio Grande do Sul: terra e povo. Porto Alegre: Globo, 1964.
- MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: Questões e Debates. Oficina do Historiador, v. 5, 2012, p. 101-112.
- PENNA, Rejane Silva. Nova Santa Rita – memória dos moradores. In: SILVA, Manoel José Ávila da. Nova Santa Rita: memória e documentação. Canoas: La Salle, 2000.
- PENNA, Rejane Silva (coord.). São Luiz e São José: Identidades, Indústria e Universidade. Canoas: Ed. La Salle, 2001 (Canoas: para lembrar quem somos, 7).
- PENNA, Rejane Silva (coord.). Igará. Um Bairro multifacetado. Canoas: Ed. La Salle, 2002. (Canoas: para lembrar quem somos, 8).
- PENNA, Rejane Silva. Fontes orais e Historiografia – avanços e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- SABALLA, Viviane; GAYESKI, Miguel; CORBELLINI, Dárnis. Nossa Senhora das Graças. Porto Alegre: MR-3, 2005. (Canoas: para lembrar quem somos)
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. 5ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Ed. da USP, 2013.
- SCHMIDT, Benício Viero. A questão urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-85). In: GERTZ, René (dir.); GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.) História Geral do Rio Grande do Sul: República - da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.
- SOUZA, Carla Monteiro de. Gaúchos em Roraima. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.